

**Dicionário da
Memória Afetiva
MINHA FRANÇA**

Paixão de A a Z
Dicionário da
Memória Afetiva
MINHA FRANÇA

Prefácio de Gilles Lipovetsky
Posfácio de Philippe Joron

Juremir Machado da Silva



Editora Sulina

Copyright © Juremir Machado da Silva, 2024

Capa: Humberto Nunes

Projeto gráfico e editoração: Niura Fernanda

Revisão: Álvaro Nunes Larangeira

Editor: Luis Antonio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza -
CRB 10/960

S586d Silva, Juremir Machado da
Dicionário da memória afetiva, minha
França / Juremir Machado da Silva. - Porto
Alegre: Sulina, 2024.
440 p.; 14x21 cm.

ISBN: 978-65-5759-149-9

1. Literatura Brasileira. 2. Literatura -
Viagem. 3. França - Dicionário. I. Título.

CDU: 821.134.3(81)

CDD: B869

840

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Rua Leopoldo Bier, 644, 4º andar – Santana

CEP: 90620-100 – Porto Alegre/RS

Fone: (0xx51) 3110.9801

www.editorasulina.com.br

e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Junho/2024

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

PREFÁCIO

Dicionário da memória afetiva

Gilles Lipovetsky¹

É um dicionário apaixonado pela França que o leitor descobrirá a seguir sob a pena atenta de Juremir Machado da Silva, grande amante deste “querido e velho país”, que ele conhece muito bem por nele ter vivido e estudado. Um dicionário de A a Z que é, antes de mais nada, um passeio pelas ruas de Paris, pelos seus cafés, pelos seus restaurantes, pelas suas livrarias, pelos seus lugares icônicos.

Um turista brasileiro com o guia Michelin na mão? Não, de jeito nenhum: um *flâneur* baudelairiano que, vindo do Novo Mundo, perambula pelas ruas da cidade-luz, circula pelos corredores do metrô, toma um drink na brasserie Lipp ou vagueia pela Torre Montparnasse, prova uma taça de Sauternes, come um *confit de canard* (coxa de pato), uma *baguette*, salsichas bretãs, um patê de Mans, *crème brûlée*: um desses tantos produtos que fazem a reputação culinária do país e os prazeres sempre renovados do autor, que adora compartilhá-los.

Em Paris, a felicidade para ele não exige muito: apenas uma manhã ensolarada de primavera, passear pelo *Boule-*

¹ Filósofo francês, teórico da Hipermodernidade, autor dos livros *A Era do Vazio*, *O luxo eterno*, *A terceira mulher*, *O império do efêmero*, *A felicidade paradoxal*: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo, entre outros.

vard du Montparnasse ou pela rua Bonaparte, admirar as barcas do Sena, contemplar a beleza das mansões particulares, olhar os sebos (*bouquinistes*) à beira do rio. A cidade é tão linda que basta passear aleatoriamente; não há necessidade de procurar e esperar por nada em particular: “tudo é graça e volúpia”. Uma França gourmet e bela que vai muito além de Paris e que também descobrimos no sul do país, em Avignon, Arles, Montpellier, Palavas-les-Flots, Cannes, Saint-Tropez. Eis o mais francês dos brasileiros, que apresenta uma França da sua memória afetiva, de prazeres sensíveis e estéticos, sem ordem nem hierarquia, onde se ouvem as canções de Yves Montand, Charles Aznavour, Edith Piaf, Juliette Greco e a nostalgia da era existencialista.

O prazer de estar na França, para Juremir, não pode ser separado do imaginário de sua história cultural e artística. Ele se lembra da descoberta da Torre Eiffel, mas também do anfiteatro Durkheim, na Sorbonne, com seus bancos de madeira e sua aparência solene, onde teve aulas de sociologia quando era estudante de doutorado. Lembranças inesquecíveis inscritas no fundo da memória com muito mais ressonância do que qualquer *selfie*. O prazer do leitor estará em descobrir as escolhas heterogêneas do autor, que passa sem transição – é a lei do gênero – de um verbete a outro, da Fnac a Fontainebleau, de Auguste Comte ao queijo Comté, o seu queijo francês preferido.

Mas é, sobretudo, um olhar muito pessoal sobre o panorama intelectual francês que se descobrirá, caro leitor brasileiro, nas páginas que se seguem. Juremir não é apenas apaixonado pelas paisagens, pelo *Dôme*, pela *Place des Vosges*: ele é

especialmente apaixonado pela cultura intelectual e literária francesa, a de Voltaire, Balzac, Baudelaire, Rimbaud, Júlio Verne, Proust. E, mais perto de nós, Simone de Beauvoir ou Marguerite Duras. A experiência da França para ele é também e, talvez, sobretudo a proximidade com intelectuais franceses que ele ama e admira, que conheceu, entrevistou e convidou inúmeras vezes para viagens ao Brasil. O pensamento de Juremir é moldado pelos grandes pensadores da França.

Você descobrirá os múltiplos encontros de Juremir, ora puramente livrescos, ora reais, ora telefônicos, com Castoriadis, Baudrillard, Lyotard, Maffesoli, Houellebecq, Deleuze, Derrida, Edgar Morin, Le Goff, Sfez, Debray, Derrida, Touraine... E esses perfis são sempre vivos, “subjetivos”, por vezes engraçados, feitos a partir de experiências pessoais, pequenos fatos concretos, pequenas frases de que se recorda, encontros deliberados e, por vezes, fortuitos, como aquele com Touraine num supermercado. Juremir mostra as pessoas por trás dos seus livros, com o lado “humano, demasiado humano”, como quando Jacques Derrida se preocupa, sobretudo, com a qualidade das fotos que Cláudia, esposa de Juremir, havia tirado dele.

No domínio intelectual, o apetite do Juremir é ilimitado e sentimos a felicidade que ele experimenta ao explorar o pensamento francês em toda a sua riqueza e variedade. Nesta altura dos acontecimentos, em que a guerra regressa ao solo europeu, é um verdadeiro prazer ler um hino tão tocante à França através de uma viagem livre e errante, uma pintura cheia de memórias e emoções da “Doce França” tão maravilhosamente cantada por Charles Trenet.